

Giros, Globo Filmes e Telecine apresentam:

UM HOMEM SÓ

Um filme de Claudia Jouvin

SCOPE / DOLBY 5.1 / 88MIN / 14 ANOS

PRODUTORA



COORDINADORA



DISTRIBUIÇÃO



PÓS-PRODUÇÃO



ELENCO

Vladimir Brichta- Arnaldo/Arnaldo 2
Mariana Ximenes- Josie
Otávio Muller – Mascarenhas
Ingrid Guimarães – Aline
Eliane Giardini – Tia Leila
Daniel Aráoz –Dr.Döppel
Milhem Cortaz- Cassio
Aramis Trindade- Tipo Magro
Cadu Fávero – Cigano
Murilo Grossi- Tomé
Natalia Lage- Cecília
Luiza Mariani- Suzana
Sandro Rocha – Cadu
Letícia Isnard – Sônia
Débora Lamm- Ruth
Julio Levy – Chefe
Maurício Rizzo – Colega
Mabel Cezar – Secretária Dr. Döppel
Paulinho Serra – Homem que Chora
Manoela Rosa – Menina
Mary Sheila – Mãe
Maurício Rizzo – Narrador do vídeo institucional da clínica

FICHA TÉCNICA

Genêro: Comédia Romântica
Direção e roteiro: Claudia Jouvin
Produção: Maria Carneiro da Cunha
Fotografia: Adrian Tejjido, ABC
Direção de arte: Claudio Amaral Peixoto
Joana Mureb
Figurino: Ana Avelar
Montagem: Bruno Lasevicius
Pedro Amorim
Som direto: Paulo Ricardo Nunes
Edição de som: Miriam Biderman e Ricardo Reis
Maquiagem: Martin Macias Trujillo
Produtor de finalização: Juca Diaz
Trilha sonora original: Plínio Profeta
Animação: Allan Sieber
Equipe Giros: Supervisor Artístico: Belisario Franca
Diretora Executiva: Maria Carneiro da Cunha
Gerente de Conteúdo: Bianca Lenti
Coordenadora de Produção e Finalização: Cláudia Lima
Diretora de Produção: Mariana Vianna
Distribuição: Downtown Filmes e Paris Filmes
Produção: Giros
Coprodução: Globo Filmes
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/RioFilme
Telecine
Apoio: Quantapost
Pestana Rio Atlântica Hotel
Classificação: 14 anos

SINOPSE

Arnaldo é um homem frustrado, preso a um casamento falido e a um trabalho que odeia. Até o dia em que conhece Josie, uma jovem ruiva de beleza *sui generis* e comportamento excêntrico, que trabalha com a tia em um cemitério de animais. Apaixonado, cria coragem e procura uma clínica clandestina que produz cópias de seres humanos. Ele acredita que um duplo poderá ser solução para todos os seus problemas. Mas Arnaldo não esperava que, para levar adiante seus planos, precisará enfrentar a si mesmo.

Com um elenco encabeçado por Vladimir Brichta, Mariana Ximenes, Otávio Müller e Ingrid Guimarães, *Um Homem Só* marca a estreia de Claudia Jouvin na direção de um longa-metragem. Produzido pela Giros, em parceria com Globo Filmes, RioFilme e a rede Telecine, *Um Homem Só* foi premiado com 3 kikitos pelo 43º Festival de Gramado, sendo eles de melhor fotografia, melhor atriz e melhor ator coadjuvante e exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e no Festival Internacional de Punta Del Leste e será lançado nos cinemas pela Downtown Filmes. O time de atores inclui ainda Eliane Giardini, Milhem Cortaz, Daniel Aráoz, Natália Lage, Luiza Mariani, Debora Lamm e Letícia Isnard, entre outras participações especiais.

A história de *Um Homem Só* começa ao redor de uma mesa, durante uma conversa entre amigas. “Quando *Um Homem Só* surgiu, eu tinha acabado de entrar na equipe do seriado “*A Grande Família*”, lembra-se Claudia Jouvin, que também assina o roteiro do longa. “Uma noite, estava na casa de Mariana Ximenes, com a Maria (*Carneiro da Cunha, produtora*) e uma outra amiga ‘civil’ (ela é médica), quando a Mariana falou de sua vontade de fazer um papel diferente. Conte a ideia do filme e ela respondeu na lata: ‘Quero fazer’”.

A longa jornada até que *Um Homem Só* ficasse pronto só foi possível graças à amizade dos profissionais que se uniram para viabilizar o projeto. Claudia Jouvin e a produtora Maria Carneiro da Cunha, por exemplo, são amigas desde a infância. Elas se conheceram aos 12 anos, no Teatro Tablado, e se reencontraram na escola. Maria estava cursando jornalismo na PUC quando foi fisgada pelo cinema, depois que Claudia a convidou para produzir seu primeiro curta, na Universidade Estácio de Sá. Depois, cada uma seguiu seu caminho profissional – Claudia como assistente de direção e roteirista, Maria como produtora – até voltarem a juntar forças no projeto de *Um Homem Só*.

“O filme começou com uma conversa entre amigas e foi todo feito assim, com afetos”, diz Mariana Ximenes, também produtora do filme. “A Claudinha agregou um time muito competente, ligado por admiração e afeto. Foi muito bom poder participar de uma história que nasceu da amizade e de uma gana de fazer cinema, de realizar coisas”.

Da ideia inicial até as filmagens, que se realizaram em janeiro de 2014, passaram-se cinco anos. Um tempo longo, mas bastante comum no complexo panorama da produção cinematográfica brasileira – principalmente quando estão em jogo projetos de características tão singulares como o de *Um Homem Só*.

Em sua mistura de gêneros, ideias e atmosferas, *Um Homem Só* não encontra muitos precedentes entre os filmes brasileiros recentes. “Quando li o roteiro, adorei. Achei inteligente, divertido, poético, *pop*, com uma cara de cinema independente, no melhor sentido”, diz Vladimir Brichta. “É surpreendente como ficou diferente de tudo. O filme tem um humor que está presente o tempo todo, mas não é uma comédia de gargalhadas. No fim das contas, é sobretudo uma história de amor. Essa descoberta, de ter feito uma comédia romântica, com um tom inusitado de ficção e de filme fantástico, foi muito boa. Acho que *Um Homem Só* traz um toque feminino que lhe confere uma sensibilidade toda especial”.

O tempo de levantar os recursos foi também o tempo de amadurecimento do roteiro. “Eu queria falar sobre dois assuntos, só não sabia se combinavam. Um era a questão do duplo, porque acho que todo mundo já teve vontade de ter um duplo na vida. E tinha uma outra ideia, que era a do cemitério de cachorros”, diz Claudia.

O cemitério de cães

Como sempre, o que mais parece delírio ficcional na história de *Um Homem Só*, na verdade é o elemento do roteiro “inspirado em fatos reais”. O cemitério vem do baú de tesouros da família da autora: “Minha família por parte de pai, de Niterói, é cheia de histórias incríveis”, conta Claudia, que é filha do roteirista Claudio Paiva. “Tenho essa tia maravilhosa, Juliana, dona de um cemitério de cachorros. É uma figura alto astral, despachada. Ela vivia me contando histórias absurdas do cemitério, que amava ouvir”.

A costura entre assuntos tão díspares se fez a partir de um mergulho na pesquisa teórica e da própria experiência “de campo” da autora, quando Claudia passou um dia trabalhando no cemitério da tia. “Primeiro, fiquei visitando o universo dos duplos. Li Dostoiévski (*O Duplo*), Pirandello (*Um Nenhum Cem Mil*), Saramago (*O Homem Duplicado*). Vi vários filmes também. Depois, passei um dia trabalhando com minha tia. Fiz fichas, enterrei um cachorro”.

Claudia reparou que, para as pessoas que se dão ao trabalho de enterrar seus cães, eles são como substitutos de filhos, maridos, mulheres. “A personagem da Mariana é uma menina que não se relaciona. Ela tem medo de perder alguém porque já perdeu a mãe. Então, nós temos essa menina, que trabalha nesse cemitério que acolhe pessoas com medo de se relacionar com outras pessoas, e que colocam animais nesse lugar. E ela conhece um cara que recorre a um substituto dele mesmo. Foi quando deu o ‘clique’: acho que dá para juntar as duas coisas”.

Ao agregar temas e gêneros que sempre interessaram a Claudia, como identidade, psicanálise, ficção científica, cinema fantástico, comédia, drama, romance, o roteiro foi tomando forma. “Querida usar tudo isso como meio de contar minha fábula, focar na história humana, falar sobre identidade e questões que me acompanhavam há tempos”, explica.

Escalar o elenco, formado por um time de atores de primeira grandeza, foi um dos momentos mais prazerosos do processo, segundo a roteirista e diretora. “Muito da minha vontade de dirigir vem do meu gosto pelos atores. Minha mãe, Solange Jouvin, foi atriz de teatro. Passei minha infância sendo levada para teatros, eu ficava nas coxias. Cresci nesse meio: minha mãe no teatro, meu pai na televisão. Acho que não tinha muito como escapar disso”.

As filmagens

Um Homem Só foi rodado em janeiro de 2014, durante um dos verões mais quentes da história do Rio de Janeiro, quando a temperatura bateu recordes e a “sensação térmica” chegou a mais de 50 graus. Mas como o cronograma apertado e o orçamento contado não previam a famosa “opção chuva”, o forte calor se transformou em benção. “Foi terrível, o pior calor que já passei na minha vida, mas não choveu nenhum dia naquele mês. Não tive qualquer problema para filmar, e isso foi incrível”, conta Claudia.

A colaboração do elenco e da equipe contribuiu para que tudo corresse nos trilhos. “O trabalho do roteirista é muito solitário, você se enrola, sofre muito. De repente, virei diretora e tinha uma equipe que era um escândalo de maravilhosa. É incrível a diferença do processo. O diretor é mimado, está sempre com gente em volta. O roteirista está sempre sozinho, se ferra muito. Ter uma pessoa como o Teijido fotografando o filme, o Claudio Amaral Peixoto na direção de arte, poder ouvi-los, não tem preço. Já tinha trabalhado com várias daquelas pessoas, o elenco tem um milhão de amigos meus. O clima todo do filme foi muito afetivo. Sentia que estava bem cercada e que a equipe queria me ajudar”.

“Claudinha soube escolher os profissionais para o filme”, diz Mariana Ximenes, que para se transformar na ruiva Josie passava por um processo de caracterização diário de quatro horas, assinado pelo craque da maquiagem Martin Trujillo. “Ela se cercou de pessoas muito competentes, que além de bons profissionais, são boas pessoas também. Como Claudinha costuma dizer: ‘Não vim nessa vida para me aborrecer’”.

Efeitos

Terminadas as filmagens, começou o processo de montagem e pós-produção, em que pesou principalmente a finalização dos efeitos especiais. “Escrevi o filme planejando poucas cenas de embates entre os dois Arnaldos”, conta Claudia. Mesmo assim, os efeitos especiais se fizeram necessários em pelo menos dois grandes momentos.

“Filmamos com R\$ 2,3 milhões, mas tinha também uma parte que seria muito cara, a pós-produção. Nesse aspecto, a parceria com o Hugo Gurgel, da Quanta Post, foi fundamental. Ele foi da faculdade da Claudinha e ajudou muito, é uma das pessoas para quem a gente deve a vida”, conta Maria Carneiro da Cunha.

Guilherme Ramalho, sócio da Quanta Post e supervisor de efeitos visuais do filme, recebeu o roteiro com antecedência e estudou as sequências em que Arnaldo contracenaria com seu duplo. “Ajudamos a decupar essas sequências para facilitar a filmagem no *set*. Também trabalhamos para brincar um pouco com os truques. Uma cena, por exemplo, que aparentemente seria ‘fácil’, só uma divisão de tela, termina com um pondo a mão na cabeça do outro”, conta Guilherme.

“Usamos um dublê de corpo e filmamos a cabeça do ator, Vladimir Brichta, separadamente. O dublê foi filmado usando uma máscara verde. Depois, o ator foi filmado na mesma posição, com uma roupa em que vazava apenas a cabeça. Depois encaixávamos o rosto do ator no corpo do dublê”, completa. O resultado podia ser avaliado na mesma hora. “Levei um equipamento que permite testar o recorte da imagem e fazer um esboço rápido, mas ainda bem tosco. Como são duas pessoas que se mexem o tempo todo, é importante você verificar, na hora, se está tudo bem para afinar as coisas na pós-produção. É importante principalmente para avaliar a sincronia, ou seja, se o personagem está reagindo no momento certo em relação ao duplo”. Depois, a finalização dos efeitos visuais ainda consumiu quase dois meses. “É preciso recortar a imagem direitinho, observar cada fio de cabelo, acertar o tom de cor de pele do dublê com o do ator, por exemplo”.

Giros

Um Homem Só é o primeiro longa de ficção da Giros, que ao longo de quase 20 anos de história se tornou uma das mais respeitadas produtoras brasileiras de documentários e, agora, se aventura pela seara da ficção. “Apesar da Giros ter esse foco no documentário, fazemos muitas outras coisas para além do factual que as pessoas não sabem, como *realities* e projetos de “*factual entertainment*”, conta Maria Carneiro da Cunha, produtora de *Um Homem Só* e sócia da Giros, fundada por Belisario Franca em 1997, e que também tem entre seus sócios Bianca Lenti.

“Sempre estivemos muito ligados ao factual, ao documentário, mas sempre gostamos da ficção”, diz Belisario Franca. “E até a virada para a ficção manteve nosso princípio básico: vamos fazer ficção, mas, iremos contar histórias que acreditamos serem importantes, provocativas, com um roteiro bacana e que tenha um diferencial. O projeto da Cláudia Jouvin tem esse diferencial, é ousado. É o primeiro longa da diretora. Ela foi acolhida por uma equipe experiente, acho interessante. Você de saída já tem um filme que não é mais do mesmo.”

ENTREVISTAS

CLÁUDIA JOUVIN

Diretora e roteirista

Graduada em cinema, escreveu e dirigiu o curta-metragem *Tudo o que Você Quer Ser* (2001), premiado no festival do Gongo (2001) e exibido em festivais como The New Festival (Nova York), Outfest (Los Angeles), entre outros. Seu curta mais conhecido é *Velha História* (2004), premiado no Anima Mundi, no Festival Internacional de Curtas de São Paulo, e vencedor da categoria melhor fotografia de filme estudantil no ABC - Academia Brasileira de Cinematografia, além de outros prêmios em festivais nacionais. É autora do roteiro de *O Gorila*, de José Eduardo Belmonte, adaptação do conto de Sérgio Sant'Anna que estreou na Première Brasil do Festival de Rio 2012 e ganhou vários prêmios. Foi assistente de diretores como Breno Silveira, Carolina Jabor e Lírio Ferreira. Roteirista da Rede Globo desde 2004, escreveu programas como *A Diarista*; criou o quadro *Leandra Borges*, exibido no *Fantástico*, e escreveu *A Grande Família*. *Escreveu em parceria com o Dennison Ramalho o filme de terror "Morto Não Fala (título provisório), produzido pela casa de cinema de porto Alegre, estrelado por Daniel de Oliveira, Fabíola Nascimento e Bianca Comparato, que será filmado em Outubro/16, e escreveu a comédia de humor negro, sobre mulheres que se conhecem num grupo de apoio, e resolvem se vingar de seus ex, para a Conspiração que Carolina Jabor filmará no ano que vem. E, atualmente é colaboradora da série de Jorge Furtado, MisterBrau. Seu último filme como roteirista lançado no cinema foi Entre idas e Vindas, em parceria com José Eduardo Belmonte."*

DO DESENHO AO CINEMA

"Desde pequena sabia que queria fazer cinema. No começo, como sempre gostei muito de desenhar, achava que faria animação, e isso ficou na minha cabeça durante um tempo. Terminei a escola e entrei para o curso de cinema da Universidade Estácio de Sá, onde dirigi três curtas, dois deles de animação (*Tudo o que Você Quer Ser* e *Velha História*). Saí da faculdade com a certeza de que queria dirigir e escrever. No começo, acho que negava um pouco o roteiro, porque meu pai (*o cartunista e roteirista Claudio Paiva*) é roteirista e eu não queria fazer a mesma coisa que ele. Já não bastava ter o mesmo nome! Precisei até não usar o sobrenome dele, porque Claudia Paiva ia parecer erro de ortografia (*risos*). Quando saí da Estácio, durante um ano fui estagiária no comecinho do seriado *A Grande Família* e depois comecei a trabalhar como assistente de direção na *Conspiração*. Mas comecei a achar o trabalho de assistente de direção muito burocrático. Estava muito longe do que eu queria. Sempre fui uma pessoa de criação, de desenho. Minha cabeça não para um segundo, e me sentia um pouco presa naquela função".

INICIAÇÃO NA ESCRITA

"Falei com meu pai que queria escrever. E meu pai ajuda, mas não facilita. Ele disse: 'Ok, deixa eu ver se você sabe escrever. Escreve aí um episódio de um programa como teste'. Ele me deu duas semanas de prazo. Fiz, entreguei e a resposta foi: 'Está bom'. Então ele me levou na Globo e me apresentou lá. Não fez mais nada. Tempos depois, me chamaram para um *workshop*, e fui bastante bem. Acabei sendo contratada. Durante três anos, escrevi *A Diarista*, depois fiquei sete anos na equipe de *A Grande Família*. E agora estou trabalhando com o Jorge Furtado, que sempre foi um dos meus grandes ídolos".

O GORILA

"A primeira pessoa que me levou para o cinema foi o Zé (*o cineasta José Eduardo Belmonte*). Ele me chamou para escrever o roteiro de *O Gorila*, produzido pelo Rodrigo Teixeira. Nós já éramos amigos,

fui apresentada a ele pela minha amiga atriz Luiza Mariani, quando eles fizeram juntos *Se Nada Mais Der Certo*. Eu ia muito com ela para pré-estreias, festivais, e comecei a ficar amiga do Zé, mas sem a pretensão de escrever para ele. Pensava: 'Sou de televisão, o pessoal não curte muito quem escreve para televisão'. Até o dia em que ele me chamou para escrever *O Gorila*, adaptação de um conto de Sérgio Sant'Anna. Foi uma experiência sensacional. Foi ótimo passar de um seriado que estava há tanto tempo no ar para uma coisa tão maluca e nova. Um grande exercício”.

ATORES

“Acho que muito da minha vontade de dirigir vem do meu gosto pelos atores. Tanto que tenho vários amigos atores. Minha mãe, Solange Jouvin, foi atriz de teatro. Passei minha infância sendo levada para teatros, ficava nas coxias. Ela foi do grupo do Aderbal (*Freire Filho*), trabalhava muito com preparação de corpo para atores. Cresci nesse meio: minha mãe no teatro, meu pai na televisão. A primeira pessoa que me lembro de ver dirigindo foi o Guel (*Arraes*) fazendo *TV Pirata*, olha o luxo. Acho que não tinha muito como escapar disso. Durante todos esses anos meu raciocínio foi condicionado. Estou sempre pensando em histórias, personagens, quando escuto alguém falando penso num diálogo. O raciocínio é sempre esse. E sentia, quando estava escrevendo para a televisão, que eu queria 'meter a mão' no que os diretores estavam fazendo. Escalar elenco, sugerir soluções de cena. Mas sabia que não podia! Pensei: preciso resolver isso”.

NASCIMENTO DE UM HOMEM SÓ

“Uma noite, estava na casa de Mariana Ximenes, com a Maria (*Carneiro da Cunha, produtora*) e uma outra amiga 'civil' (ela é médica), quando a Mariana falou de sua vontade de fazer um papel diferente. Contei a ideia do filme e ela respondeu na lata: 'Quero fazer". Eu: 'Posso escrever para você'. Ela: 'Vou produzir'. E foi assim, tomando uma cerveja, que a gente decidiu fazer o filme”.

O DUPLO E O CEMITÉRIO

“Querida falar sobre dois assuntos, só não sabia se combinavam. Um era a questão do duplo, porque acho que todo mundo já teve vontade de ter um duplo na vida, especialmente se você precisa lidar com alguma coisa muito chata. E tinha também a ideia do cemitério de cachorros. Minha família por parte de pai, de Niterói, tem histórias incríveis. Boa parte das coisas que meu pai escreveu (*A Grande Família, Tapas e Beijos, Chapa Quente*) é inspirada na nossa família. Tenho essa tia maravilhosa, Juliana, dona de um cemitério de cachorros. É uma figura alto astral, despachada. Ela vivia me contando histórias absurdas do cemitério, que amava ouvir. Comecei a pensar na história do duplo, da identidade, do substituto. O que é que faz a gente ser a gente? São as experiências que passamos? É a genética? Fiz pesquisas e descobri a história de duas gêmeas siamesas, acho que iranianas, com personalidades completamente diferentes. Elas têm o mesmo código genético, viveram as mesmas experiências (porque são siamesas) – mas então por que são diferentes? E isso levou a essa questão: porque um Arnaldo é diferente do outro? A resposta acabou sendo simples: um se apaixona; o outro, não. E aí veio a outra questão: como eu poderia casar essa história com o cemitério de cachorros? Fiquei um dia lá, trabalhando com a minha tia. Fiz fichas, enterrei um cachorro. E notei que, para as pessoas que se dão ao trabalho de enterrar seu cachorro, eles são substitutos de alguma coisa. De filhos, de maridos, de mulheres. Há muitas lápides dizendo, 'Lulu, minha filhinha'. A personagem da Mariana é uma menina que não se relaciona. Ela tem medo de perder alguém porque já perdeu a mãe. Então nós temos essa menina, que trabalha nesse cemitério que acolhe pessoas com medo de se relacionar com outras pessoas, e que colocam animais nesse lugar. E ela conhece um cara que recorre a um substituto dele mesmo. Foi quando deu o 'clique': acho que dá para juntar as coisas”.

MARIANA RUIVA

“Josie, a personagem da Mariana, não é ruiva sem razão. Aquela menina precisava ser muito diferente. Era uma maneira de marcar a identidade dela. É única, rara. Por isso é ruiva e sardenta. Arnaldo chega naquele lugar, que já é completamente diferente do universo dele, e encontra aquela

menina maravilhosa, que afinal de contas é a Mariana Ximenes ruiva. Eu já imaginava que ela ia ficar linda ruiva. Sempre escrevi a Josie imaginando a Mariana. Ela adora caracterização. Faz parte do processo dela. Sabia que ia ser puxado, mas acabou sendo mais do que eu imaginava. O Martin (*Trujillo, maquiador*) ‘carimbava’ as sardas maiores com uma esponja, e depois ia fazendo as menores, uma a uma. Para a cena de sexo entre Josie e Arnaldo, ele fez o corpo inteiro da Mariana. Foram cinco horas de preparo”.

DIÁLOGOS

“Por que venho de televisão, escrevo muita escaleta (*no jargão do roteiro, uma visão geral da história dividida por cenas/sequências, mas ainda sem diálogos, que precede o roteiro final*). Nesse filme, que tem uma história complexa, escrevi ainda mais. Precisava ter certeza dos caminhos da trama para poder abrir os diálogos. E aí, abrir diálogo é a parte mais divertida do roteiro. O trabalho mais braçal é a escaleta. Eu ia, voltava, montava e remontava, observando o ‘desenho’ do Arnaldo, para onde ele ia, o que puxava o quê. Os diálogos foram mais rápidos. Em duas semanas, terminei. Adoro escrever diálogos, leio muito em voz alta – é quando percebemos que ninguém fala assim, que precisa mudar”.

EM BUSCA DO TOM

“Quando partimos para fazer o filme, foram cinco anos de preparação até conseguirmos levantar recursos suficientes. Em cinco anos, dá para fazer muita coisa, né? Visitei um milhão de coisas, vi um milhão de filmes. A ideia inicial era ter um visual mais elaborado, escandaloso. Mas, vendo os filmes do Wes Anderson, que adoro, resolvi baixar a bola. Amo o Wes Anderson, mas toda vez que vejo um filme dele, não consigo me emocionar. Parece que estou vendo o aquário mais lindo do mundo, mas não consigo entrar na história. É frio. Fiquei pensando que talvez fosse justamente pelo exagero plástico que não conseguia entrar na história. Tinha nas mãos um romance com toques fantásticos, sobre cópias – o que já é uma maluquice do inferno, porque o público do filme brasileiro não está acostumado com isso. E ainda vou fazer mil frufus? Não. Resolvi baixar a bola de tudo. O tom dos atores, o humor. O que abriu portas para arriscar uns movimentos diferentes também. Coloquei a Ingrid (*Guimarães*), que estava mais acostumada a fazer as comédias *blockbusters*, para fazer um papel mais dramático. É ótimo ver a Ingrid fazendo um negócio diferente. E coloquei a Luiza Mariani, que sempre faz papéis mais intimistas, em um papel histórico, de tom mais alto. É legal poder fazer isso, pegar os atores e tirá-los do registro comum. O Mascarenhas foi escrito para o Otávio (*Müller*) e acho que o personagem tem muito da doçura do ator. E o Vladimir nasceu para ser herói, como é que ninguém tinha visto isso antes?”.

SAIR DO PAPEL

“Ficamos cinco anos levantando recursos para o filme. O projeto já cheio de atores comprometidos. Até que ganhamos nosso primeiro prêmio, o Fundo Setorial do Audiovisual, da Agência Nacional de Cinema (Ancine). Achamos que depois disso seria mais fácil, mas continuou o mesmo sofrimento. Durante anos sofremos, sofremos. Ficamos espremendo dinheiro de tudo que é lugar. Eu já estava achando que não ia rolar. Até que conseguimos. Teve uma hora que comecei a acreditar em astrologia. Fiquei três anos tentando engravidar e cinco tentando fazer o filme. De repente, tudo aconteceu no mesmo ano. Conclusão: tinha algum planeta entupindo minha vida – ele saiu do caminho e veio tudo junto (*risos*). Quando filmei, meu filho, Max, estava com sete meses. Estava amamentando ainda. No começo, foi um caos, mas depois a situação se impôs e ficou tudo mais fácil”.

FILMAR

“No plano inicial, queríamos filmar em cinco semanas e meia, mas por questões de orçamento precisamos cortar para quatro semanas. Era quase uma gincana. Para fazer o filme do jeito que eu queria visualmente, tive que cortar sequências. No começo, o Adrian Tejjido (*fotógrafo*) achava que não ia dar certo. Se chover, não tem ‘opção chuva’. Deu um certo pânico – como a primeira vez de

tudo, né? Mas tive muita sorte. Quer dizer, sorte e azar. Porque foi um calor terrível, o pior calor que já passei na minha vida. Ao mesmo tempo, não choveu nenhum dia naquele mês de janeiro de 2014. Não tive qualquer problema para filmar. E isso foi incrível”.

MONTAR

“Montar o filme foi uma experiência incrível para mim. Agora percebo como aprendi como roteirista durante o processo de montagem. Hoje, por conta da montagem, sou outra roteirista. Acho que você entende seus erros. O roteirista se apega às coisas. Sofre demais. E quando vai montar, fica uma barriga, porque você não quer cortar aquela fala, aquela cena. Durante um mês, montei o filme com o Bruno Lasevicius. E o que aconteceu é que viciiei o Bruno. Ele ficou tão apegado nas coisas quanto eu. Ele foi genial, ajudou a encontrar a primeira forma do filme, trouxe várias músicas, deu ritmo às sequências, mas chegou uma hora que nem eu nem Bruno conseguíamos tirar mais nada. O filme estava com 1h50, e eu queria um filme de 1h30. Foi quando apareceu o Pedro Amorim. Ele estava entre um filme e outro e podia fazer um corte. Não nos conhecíamos, mas somos da mesma geração, temos os mesmos amigos. Ele quis fazer um corte sozinho – e deixei, de coração apertado (*risos*). Acabou sendo ótimo: Pedro tirou 22 minutos de filme sem cortar uma cena inteira sequer. Fiquei chocada. Deu o ritmo que estava precisando. Isso é muito legal. Agora o filme está de gente grande, está pronto”.

ROTEIRISTA X DIRETORA

“O trabalho do roteirista é muito solitário, você se enrola, sofre muito. De repente, virei diretora e tinha uma equipe que era um escândalo de maravilhosa. O tempo inteiro tinha gente em volta de mim. Saí do filme com tantos amigos e pessoas queridas que, obviamente, quero repetir no próximo filme. É incrível a diferença do processo. O diretor é mimado, está sempre com gente em volta. O roteirista sempre sozinho, se ferra muito. Isso foi muito importante. Ter um cara como o Adrian Teijido na fotografia, o Claudio Amaral Peixoto na direção de arte, poder ouvi-los. Tinha trabalhado com várias daquelas pessoas na Conspiração. O elenco tem um milhão de amigos meus. O clima todo do filme foi muito afetivo. Sentia que estava bem cercada e que a equipe queria me ajudar”.

VISUAL

“Houve um momento da minha vida em que me dei conta de que não precisava fazer animação. Podia fazer um filme *liveaction* visualmente rico. Quando gosto de um filme, vou pesquisar na internet e invariavelmente está lá a informação de que o diretor é ‘formado em *design*’ ou ‘desenhista amador’. Michel Gondry, Wes Anderson, Wong Kar-Wai. É batata: todos desenham. Minha formação vem de quadrinho, do desenho animado. Gosto de desenhar o que estou imaginando e depois filmar isso quase como se estivesse adaptando um quadrinho para a tela. Um quadrinho que não existe, de uso pessoal”.

REFERÊNCIAS

Primeiro, fiquei visitando o universo dos duplos. Li Dostoiévski (*O duplo*), Pirandello (*Um Nenhum Cem Mil*), Saramago (*O Homem Duplicado*). Vi vários filmes também. Vi muitos filmes de ficção científica, e acabei percebendo que não podia fazer uma ficção científica no Brasil. A nossa ficção científica tem que ser tupiniquim. A clínica de cópias do filme é num lugar caindo aos pedaços. A ideia era essa. Era ter só uma ‘coisinha’ de ficção científica, porque queria usar isso como meio para contar minha fábula, focar na história humana, falar sobre identidade e questões que já me acompanhavam há tempos. A máquina de cópias, por exemplo: virei criança quando vi ela pronta, no set.

MÚSICA NO SET E NA TELA

“Enquanto escrevia o roteiro, fui montando uma *playlist* com as músicas que estava ouvindo, e essa *playlist* foi aumentando conforme fui escrevendo. Você escreve a cena e pensa: podia ter aquela música. Se eu olho essa *playlist* hoje, consigo lembrar como cada música entrou. Tem músicas de trilhas de outros filmes (Hans Zimmer), que eu usava para entrar no clima da sequência final, músicas mais animadas, cômicas, românticas. Tinha muito Devendra (*Banhart*) – ele é controverso, ou você ama ou odeia, eu sempre amei. Conseguimos comprar uma música dele para incluir no filme. Uma das músicas mais legais da trilha é de uma cearense chamada Karine Alexandrino, *Como Me Tornei uma Adúltera*, que eu usei para a abertura. Eu a conheci pelo Allan (*Sieber*), meu marido. Fomos para uma feira de quadrinho no Ceará e ela também estava lá, era casada com um cartunista. A música é ótima, tem uma pegada Tarantino. Outro ídolo meu é o Sergio Leone. Sempre quis ter uma coisa meio faroeste no filme. E desde que escutei pela primeira vez, essa música se tornou a abertura do filme. Quando a Josie dança com Arnaldo no estacionamento, tinha escrito que seria ao som de *Promiscuous Girl*, da Nelly Furtado. Quando fomos filmar, botei *Kiss* para tocar. Quando não conseguimos comprar o *Kiss*, acabamos botando o Tom Tom Club, por sugestão do Plínio Profeta (*autor da trilha original*). E ficou ótimo, porque não foi tão óbvio. Uso muito música para escrever e usava muito música no *set*. O disco do Amarante, *Cavalo*, de onde tirei duas músicas para o filme, estava nos meus favoritos, sempre. Eu botava *FallAsleep* para tocar e não precisava fazer nada, eu e Mariana chorávamos de soluçar. A primeira vez que botei o *FallAsleep* foi na sequência da fogueira dentro da piscina abandonada. Tem essa coisa muito louca de *set*, quando você tem uma locação incrível como essa, uma fogueira no meio daquela piscina vazia, as montanhas, o dia anoitecendo. Pedi para todo mundo ficar em silêncio. Botei a música do Amarante, que étriiiiste... E aí você vê a equipe inteira entrando no clima. Fiquei muito emocionada vendo a cena, vendo que o filme estava acontecendo. Comecei a chorar. E foi tão bonito, porque comecei a sentir várias mãos no meu ombro”.

PLÍNIO PROFETA

“Plínio era amigo de adolescência do meu irmão. Tinha o maior carinho por ele. E é um excelente ‘trilheiro’, achei que ia entender as minhas referências, entender que era uma salada. Viramos superamigos e parceiros. Ele compôs uma música muito legal e chamou a dupla Letuce para fazer, que, em minha homenagem, chamou de ‘francesinha de Niquiti’. É uma música cantada em francês, que toca quando o Arnaldo chega no cemitério de cachorros”.

EFEITOS

“Escrevi o filme planejando poucos efeitos, com poucas cenas de embates entre os dois Arnaldos. Quando ele está na máquina, por exemplo, há alguns efeitos da máquina funcionando, mas são simples. Efeito mesmo, são os do ‘duplo’. A primeira vez que ele vê o duplo, quando se esconde na escada, foi apenas com dublê. Depois, quando eles se encontram na casa do Mascarenhas, aí é um *potpourri* de efeitos, cada um de um jeito diferente. O dublê usava uma máscara verde, trocava para o Vladimir e a gente filmava a cabeça. No outro era um fundo verde. Cada um era de um jeito. Essa sequência é a mais complexa, sem dúvida. Foi muito difícil. Os atores sofrem, é um caos o *set*. Vladimir precisou trocar de roupa cem vezes. Depois, quando a gente foi para o cemitério, para a sequência final, foi um pouco melhor. Ao ar livre, tinha mais espaço. Efeitos, melhor evitar”.

SURVIVOR

“Primeiro filme é uma coisa muito maluca. Tudo é muito novo. Um *set* é uma loucura. É quase um *Survivor*, você tem que sobreviver a provas todos os dias naquele calor, mosquito, um monte de gente, efeito especial, ator famoso. Mas amei. Ficava muito cansada, às vezes um pouco estressada, principalmente no começo, até aprender como se colocar e transmitir as coisas que queria. Mas rapidamente entrei no trilho. Aí você sai disso e vai montar, outra novidade. Aí tem os efeitos, outra novidade. Aí você vai mixar, uma das coisas que mais amei fazer – outra novidade. Tudo muito novo, muito divertido”.

ENTREVISTA / MARIA CARNEIRO DA CUNHA

Produtora

Graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio, atuou em diversos segmentos do mercado audiovisual – sobretudo em produção, antes de entrar para a produtora Giros, onde hoje, ao lado de Belisario Franca e Bianca Lenti, é uma das sócias principais, com a missão de implementar o núcleo de ficção.

Você e Claudia Jouvin são amigas há muitos anos. Como se conheceram?

Nos conhecemos aos 12 anos, no Tablado, estudando teatro. Mas éramos de grupos bem diferentes na época, e foi só em um reencontro quando entrei para o colégio CEAT que viramos essa dupla que somos hoje. De lá pra cá criamos uma parceria louca e hoje além de um filme juntas, somos ambas madrinhas do filho uma da outra.

E como vocês se envolveram com cinema?

Demorei muito pra entender o que queria fazer da vida, eu não tinha esse endereçamento profissional que a Claudinha sempre teve. O primeiro emprego que trabalhei foi com produção de eventos, enquanto isso, entrei para o curso de jornalismo na PUC. Logo que entrei na PUC, fiz o primeiro curta da Claudinha, que estudava cinema na Estácio. E em seguida outros curtas com o pessoal da Estácio, amigos dela que viraram meus amigos. Até hoje tem quem ache que estudei na Estácio por conta disso. Antes de me formar, fui trabalhar na Conspiração, e já no fim da faculdade, trabalhei com a Anna Luiza Müller, que na época fazia assessoria de imprensa da Lumière e da Video Filmes. Depois vim para a Giros, onde estou há 13 anos. Entrei para uma vaga de assistente de produção e acabei fazendo de tudo aqui.

Agora você é sócia, certo?

Agora sou sócia, estou na parte mais executiva da coisa. Na verdade, somos seis sócios: três que trabalham no escritório (Belisario Franca, Bianca Lenti, diretora de conteúdo, e eu) e três sócios investidores.

Como o projeto de *Um Homem Só* começou a sair do papel?

Claudinha me contou a ideia do filme antes de começar a escrever. Ela estava lendo vários livros sobre a questão do duplo e da identidade. Dava para notar, desde aquele momento, que o filme teria um elemento fantástico, que sempre costuma aparecer nas coisas que a Claudinha faz, e de alguma forma também ia trazer esse lado que remete à psicanálise. O primeiro curta que fizemos não só tratava de sexualidade como fazia uma referência direta à psicanálise. Era como se Deus fosse um psicanalista, e a piada final era sobre Lacan. Acho que só nossas mães entenderam a piada, porque elas são psicanalistas lacanianas (*risos*). A ideia de *Um Homem Só* juntava esses dois interesses da Claudinha: o universo fantástico e a questão psicanalítica – no caso, a identidade e o medo de morte, o medo da perda. Teve o tempo do curta, na faculdade, e depois começamos a trabalhar muitíssimo, cada uma com sua carreira – ela como roteirista, eu como produtora. Então, o processo do roteiro foi demorado, e quando ficou pronto ainda demorou para conseguirmos levantar a produção. Mas o roteiro não mudou muito do primeiro para o último tratamento. Ela trabalha tanto a estrutura que, quando escreve, já está tudo bastante bem construído.

Como foi botar a produção de pé?

Foi muito difícil, mas tivemos parceiros importantes desde o começo. A primeira pessoa que acreditou no projeto foi o Rodrigo Camargo, responsável pelo Fundo Setorial do Audiovisual da Ancine. Na época, só tínhamos o roteiro, a Mariana Ximenes e a Giros, que nunca tinha feito ficção. No *pitching*, eu e Claudinha defendemos o projeto e o pessoal gostou. Quando fomos selecionados para o *pitching*, achava que seria importante se apresentássemos novidades. Então fomos à Globo Filmes, que entrou no projeto, e à Downtown Filmes, que entrou também. Nesse momento, o Fundo Setorial, a Globo Filmes e a Downtown Filmes foram muito importantes.

Na época vocês já tinham fechado o elenco?

Só a Mariana Ximenes e o Otávio Müller. Eles foram os primeiros nomes confirmados e ajudaram muito também. A Claudinha é muito boa para montar elenco, foi ela quem trouxe todo mundo. Trouxe porque o roteiro dela é bom, e também porque ela gosta de atores e se dedica a eles. Parte do convencimento foi porque Claudinha pensou atores para papéis diferentes, que os tiravam do seu lugar comum. Mariana Ximenes ficou superfeliz de fazer uma personagem que não era a “gatinha princesinha”. Otávio também amou o personagem e o roteiro. Esse mérito é todo da Claudinha, e muito dos recursos que a gente ganhou veio por conta desse elenco que conseguimos montar.

Como vocês completaram os recursos para o orçamento?

O primeiro dinheiro foi mais fácil, mas depois disso demorou muito tempo para conseguirmos o que faltava. O projeto era meio grandioso para um primeiro filme, a Claudinha era diretora de primeira viagem, eu era produtora de primeira viagem. Levei o projeto para outras produtoras maiores, mas acabamos não fechando nada. Aí a RioFilme entrou, e começamos a chegar mais perto. Voltamos à Downtown, que resolveu aplicar recursos do Funcine. E voltamos à Globo Filmes, que já tinha investido e investiu ainda mais e ainda conseguimos um apoio do Telecine. Dessa forma bem justa conseguimos filmar. A Claudinha teve que cortar bastante coisa. Tivemos que diminuir uma semana e meia de filmagens – a previsão inicial eram cinco semanas e meia e acabamos filmando em quatro. Com isso, conseguimos cortar o orçamento sem cair nos atributos de fotografia, arte, figurino e maquiagem, que eram muito importantes para a Claudinha. Filmamos em janeiro de 2014 e não choveu nenhum dia, o mês inteiro. Tiramos uma cena inteira que estava prevista, mas não fez falta. Nada foi refilmado. Filmamos com R\$ 2,3 milhões. Mas tinha também uma parte muito cara, que seria a parte de pós-produção. Nesse aspecto, a parceria com o Hugo Gurgel, da Quanta Post, foi fundamental., responsável pela pós-produção e os efeitos visuais.

A própria natureza do filme exigia alguns efeitos especiais e uma pós-produção cuidadosa. Como foi esse trabalho?

Foi um processo demorado, de quase quatro meses. A Claudinha é roteirista da Globo, estava trabalhando bastante, mas fez questão de se dedicar muito à pós-produção do filme, na edição e no som, principalmente. Ela fez escolhas corajosas de som e mixagem, que acompanhou no detalhe. Apesar de ser o primeiro longa da Claudinha, ela sabia muito o que queria. Foram muitos anos pensando o que fazer, como fazer. Ela tinha certezas que eu nem imaginava que tinha.

Como esse projeto se situa na produtora Giros?

No momento em que o projeto de *Um Homem Só* entrou aqui, pensei: dei muita sorte nessa vida. Não estava na posição que estou hoje, não era sócia. Conversei com o Belisario (*Franca, fundador da Giros*) sobre o filme, expliquei que era o filme da minha melhor amiga e que eu ia produzir. Disse também que gostaria de fazê-lo na Giros, apesar de não achar, na época, que o projeto tinha o perfil da produtora. Mas seria muito melhor, claro. Também entenderia se ele não quisesse. Mas o Belisario topou e deu total apoio. Participou de *pitching*, entrou com recursos da produtora. Nesse

meio tempo, saiu a lei da TV paga e a produtora começou a entrar em mais projetos de ficção. Apesar da Giro's ter esse foco no documentário, fazemos muitas outras coisas além do factual que as pessoas não sabem, como *realities* e projetos de *factual entertainment*. Pesquisamos e conhecemos muitos personagens, o tempo todo. Temos um histórico, fazemos isso há muito tempo. Temos agora o projeto de uma série de ficção, *JunglePilot*. O desenvolvimento foi bancado pela Universal e estamos programados para pilotar em Maio de 2017.. E temos ainda a série de ficção infantil *Queimamufa!*, que será produzida dentro dos próximos meses, com fundos do FSA, em parceria com o Canal Futura. E a série de ficção *Corumbá*, baseada na obra de Patrícia Melo, "Ladrão de Cadáveres", que está em fase de captação.

ENTREVISTA/ VLADIMIR BRICHTA

Arnaldo (1 e 2)

“ Vladimir Brichta nasceu em Minas Gerais, passou parte da infância na Alemanha e, aos quatro anos, mudou-se para a Bahia, onde começou a carreira de ator. No teatro, participou de mais de 20 espetáculos, com destaque para *A Ver Estrelas* (1998) e *A Máquina* (2000), ambos com texto e direção de João Falcão, *Hamlet* (2009), com direção de André Paes Leme, e *Arte* (2012), dirigida por Emilio de Mello. Na TV Globo, protagonizou séries como *Tapas e Beijos*, ao lado de Fernanda Torres e Andréa Beltrão, e, em 2016, retornará às novelas como protagonista de *Rock Story*. No cinema, já são mais de dez longas-metragens, entre eles *A Máquina* (2003), de João Falcão, *Quincas Berro D'Água* (2010), de Sérgio Machado, *A Coleção Invisível* (2012), de Bernard Attal, *Minutos Atrás* (2013), de Caio Sóh, *Muitos Homens num Só* (2014), de Mini Kerti, e *Real Beleza* (2015), de Jorge Furtado.”

Como você se envolveu no projeto de *Um homem só*?

Conheci a Claudinha (*Jouvin, diretora*) por intermédio do pai dela, Claudio Paiva, com quem já trabalho há bastante tempo (na série *Tapas e Beijos*). Claudia me convidou para fazer o filme e me mandou o roteiro. Li e gostei demais. Achei inteligente, divertido, poético, *pop*, com uma cara de cinema independente, no melhor sentido. Depois eu entendi melhor, porque a Claudia gosta muito de uma cultura jovem *pop* que reconheço e da qual gosto muito também.

O fato de interpretar um duplo foi atraente?

Vejo a história do duplo como uma brincadeira a mais, porque para mim esse filme é na verdade uma bela história de amor. É claro que o duplo dá um tempero todo especial, e tem mesmo um desafio grande para o ator, mas no meu entender a essência do filme é outra.

Como foi ser dirigido por uma cineasta estreante em longa-metragem?

Tive outras duas experiências recentes com cineastas estreantes (*Minutos Atrás*, de Caio Sóh, e *Muitos Homens num Só*, de Mini Kerti) e foram trabalhos movidos a uma energia muito boa. Geralmente são projetos pensados por um longo tempo e muito queridos por seus criadores. Tem uma energia muito especial nisso. Sempre vi a Claudinha muito segura do que ela queria, da história que queria contar. Afinal de contas, ela também é a roteirista e tinha um domínio muito grande sobre o filme.

Quais foram suas principais referências para compor Arnaldo?

Assisti a vários filmes sobre duplos. Um dos mais interessantes foi o *Lunar* (filme de 2009 com direção de Duncan Jones), sobre um astronauta que encontra um duplo e depois um triplo dele mesmo. Revi também *O Homem do Futuro*, do Cláudio Torres, com Wagner Moura, de que gosto muito também. O curioso aqui era a trivialidade do Arnaldo, e o fato de interpretar um duplo que é o mesmo indivíduo, mas com escolhas diferentes. E essas escolhas definem quem é o clone e quem é o “original”. Tem um momento em que o cientista fala algo como: “A cópia é quase idêntica, mas é um pouco mais paciente, é capaz de suportar coisas”. É um detalhe curioso nesse momento em que

discutimos a emergência de uma sociedade mais agressiva, bélica. É uma carência da sociedade em geral. Vivemos um tempo em que todo mundo está muito extremado em suas opiniões, suas convicções.

Como foram as cenas que precisaram de efeitos especiais?

Nunca tinha feito um duplo, mas já participei de vários filmes que precisaram de efeitos. Já fiz cenas de explosão, aplicações, cromas. Portanto tinha alguma experiência e sabia, por exemplo, como reagir a uma tela verde. A diferença é que em muitas cenas foi preciso a presença de um dublê e, por incrível que pareça, achei mais difícil contracenar com o dublê do que com a tela verde. Precisava reagir a um impulso, ou a um diálogo, supondo o que eu mesmo faria – mas eu ainda não tinha feito “o outro lado”. O entendimento daquele personagem deveria ser o meu entendimento. Lidar com um dublê que tem uma leitura diferente da sua é estranho. É alguém que te causa um estímulo, mas seria uma reação diferente se você mesmo estivesse fazendo aquilo. O bom do filme é que a gente não percebe o efeito, ele está totalmente a serviço da história. É um cinema mais barato e mais autoral também. A ficção científica está a serviço de uma história de amor, e a própria questão da identidade era mais importante do que a ficção científica.

Claudia Jouvin gosta de desenhar e preparar as cenas em *storyboards*. Em alguns casos usava música para preparar o *set*. Isso ajuda os atores?

Sim, ela desenha muito bem, era muito bacana de acompanhar. Ela também usava música em alguns momentos, no próprio *set*, o que não é muito corriqueiro. Como muitos atores, uso música com frequência para me preparar, músicas que me inspiram e me aproximam daquele universo específico. Isso partir do diretor não é muito recorrente, mas é ótimo.

Como foi contracenar com Mariana Ximenes e Ingrid Guimarães?

Mariana Ximenes foi parceira em outros dois trabalhos muito importantes meus no cinema, *A Máquina* e *Quincas Berro d'Água*. Essa é a terceira vez que trabalhamos juntos, e o fato de saber da participação profunda dela no projeto, não só como atriz, mas também como produtora associada, foi um tremendo estímulo. Ela está linda ruiva, e é incrivelmente talentosa. Quanto à Ingrid, foi a primeira vez que trabalhamos juntos, e foi muito legal vê-la num lugar diferente. Ela é hoje um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema brasileiro com as comédias que estrela. É um terreno que ela domina e que faz bem há bastante tempo. Então é precioso vê-la num papel mais dramático, que ela faz com o mesmo brilhantismo. Um dos aspectos mais legais desse elenco é que eram todos amigos. Otávio Müller também é meu parceiro. Trabalhamos juntos na série *Tapas e Beijos*, no filme *Minutos Atrás*, e temos o projeto de trabalhar juntos em outras coisas. É um parceiro querido, formamos uma dupla muito legal.

Quando viu o filme pronto, o que achou? Ficou muito diferente do que imaginava?

É surpreendente como é um filme diferente. Quando li o roteiro, parecia ser principalmente uma comédia de ficção científica. O filme tem um humor presente o tempo todo, mas não é uma comédia cheia de gargalhadas. No fim das contas, é sobretudo uma história de amor. Essa descoberta, de ter feito uma comédia romântica, com tom inusitado de ficção e de fantástico, foi muito boa. Acho que o filme tem um toque feminino que lhe confere uma sensibilidade toda especial. Temos aliás muitas mulheres filmando, e o cinema só tem a ganhar bastante com isso.

ENTREVISTA / MARIANA XIMENES

Josie

“ Considerada uma das mais talentosas atrizes da nova geração, transita com a mesma facilidade e talento pelo teatro, cinema e TV. Um de seus mais recentes trabalhos nos palcos, a montagem do texto de Nick Silver *Os Altruístas*, em 2011, marcou também sua estreia como produtora. Na televisão, destacam-se suas atuações em *Chocolate com Pimenta* (2003), *A*

Favorita (2008), *Passione* (2010), *Guerra dos Sexos* (2012) e *Jóia Rara* (2013) – entre muitas outras novelas e séries, como *Haja Coração*, sucesso que está no ar na faixa das 19h. No cinema, são cerca de 20 filmes, entre eles *O Invasor* (2002), de Beto Brant (pelo qual foi eleita melhor atriz coadjuvante no Festival de Recife e no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro), *A Máquina* (2006), de João Falcão, *Quincas Berro D'Água* (2010), de Sérgio Machado, *Os Penetras* (2012), de Andrucha Waddington, e *O Gorila* (2012), de José Eduardo Belmonte. Ganhou o prêmio de melhor atriz por *Um Homem Só* no Festival de Gramado de 2015. Estará nos cinemas em breve, também, em *O grande circo místico*, de Caca Diegues, *Quase Memória*, de Ruy Guerra, *Os Penetras 2*, de Andrucha Waddington e *Zoom*, de Pedro Moreli.”

Como você se envolveu no projeto de *Um Homem Só*?

Estou nesse projeto desde o embrião. Essa história nasceu quando eu, Claudinha e Maria (*Carneiro da Cunha, produtora*) estávamos juntas, num jantar, conversando sobre cinema. Somos muito amigas, há bastante tempo. Eu falava sobre minha vontade de fazer personagens instigantes, que fossem diferentes de mim e diferentes uns dos outros. A Claudinha disse então que tinha o argumento de um filme e nos contou, ali. Minha reação foi imediata: “Nossa, escreve isso!”. E cinco anos depois filmamos *Um Homem Só*. Começou assim, com uma conversa entre amigas. E o filme foi todo feito assim, com afetos. A Claudinha agregou um time muito competente, também ligado por admiração e afeto. Foi muito bom poder participar de uma história que nasceu da amizade e de uma gana de fazer cinema, de realizar coisas.

Como você vê sua personagem, a Josie?

A Josie é uma coveira de animais (*risos*). Nem sabia que existiam cemitérios de cachorro. A Claudinha veio com essa ideia, que tirou de uma história da família dela. Foi bem divertido entender esse universo. A Josie é irreverente, ela tem um mundo interno imenso. A Claudinha teve toda uma preocupação com o visual, a atmosfera dela. É uma personagem de caracterização. Ela não só escreveu a Josie, como também pintou a personagem, você sabia? Tinha uma imagem bem clara na cabeça: queria que Josie fosse diferente, ruiva, cheia de sardas. Claudinha é uma esteta.

Como foi fazer uma personagem com uma caracterização tão diferente?

Adorei fazer, era muito divertido me transformar em ruiva. Martin (*Trujillo*), chefe de caracterização, idealizou esse visual, e fez isso de maneira superbonita, detalhista. Eram quatro horas de caracterização todos os dias! Tinha uma peruca e ele desenhava cada sarda. Como eu estava fazendo uma novela na mesma época, *Jóia Rara*, precisava tirar a maquiagem todos os dias. A caracterização era um ritual. Gosto muito do trabalho do Martin.

Esse ritual ajudava a “entrar” na personagem antes de filmar? Como é o “mundo interno” da Josie ao qual você se referiu?

Sim, sem dúvida, o tempo da caracterização me ajudava muito. Claudinha separou várias músicas de inspiração que já começava a ouvir enquanto Martin me maquiava. Martin é um profissional muito competente e atento, me passava uma enorme segurança. Filmamos em janeiro, era um calor descomunal, o que só tornava o trabalho dele mais difícil. Para a produção foi ótimo – não choveu um dia sequer, e tínhamos muitas externas. Josie é uma jovem defensiva no amor, ela teve muitas perdas na vida. Mas, aos poucos, quando se apaixona, vai ficando mais “molinha”. O legal é que o fato de ela amolecer não tira sua rebeldia. A gente falava que a Josie é uma “chata adorável”. Meio rabugentinha... (*risos*).

O fato de você ser amiga da diretora e da produtora tornou a filmagem mais fácil?

Foi um processo muito amoroso, de amigas. Como a Claudinha me conhece muito bem, tanto dentro quanto fora de cena, as coisas foram sim, mais fáceis. Havia um código direto e uma comunicação

estreita. Somos muito sinceras uma com a outra. Ela sabe das minhas inseguranças, dos meus vícios de interpretação. A proposta dela sempre foi quebrar um pouco o que se esperava de mim como atriz.

Como foi conciliar o trabalho de atriz com a função de coprodutora?

Estou cada vez mais apaixonada pelo processo de feitura. Tudo começa pequeno e vai tomando corpo, vai transbordando. Cada pessoa que entra no time acrescenta algo importante. Participei de algumas decisões, ajudei a escolher pessoas da equipe e do elenco. Estava muito perto do processo, da Maria. Maria e a Claudinha são muito amigas, as decisões foram tomadas a partir da decisão das três. O bom da Claudinha como diretora é que ela tem confiança para dividir suas escolhas entre amigos. Admiro muito o trabalho delas. Não é só o pessoal que conta, o profissional também, claro. Falamos a mesma língua.

Você pretende produzir outros projetos?

Sim, produzi uma peça há dois anos e estou coproduzindo mais um filme, uma comédia que filmamos em Brasília (*Depois de Você*, de Marcus Ligocki). A profissão do ator depende muito da espera de convites – por isso é bom ficar ativa no processo, tomar as escolhas para si. Mas é claro que na hora de filmar eu sou a atriz. Não confundo as funções. É preciso separar os problemas, ter outros produtores parceiros para não tirar a concentração.

Em *Um Homem Só*, você contracena com Vladimir Brichta pela terceira vez no cinema.

É verdade, que bom. Vladimir é um parceiro incrível, um ator admirável, com muito vocabulário, muito repertório de atuação. Sábio, inteligente, rápido, sagaz, generoso. Absolutamente profissional e doce. É um encanto. Já dividimos três sets. Os outros dois foram *A Máquina*, do João Falcão, e *Quincas Berro d'Água*, do Sérgio Machado, e ambos foram ótimos, como *Um Homem Só*. Adoro o trabalho dele. Claudinha soube escolher os profissionais para o filme. O elenco tem participações incríveis. Ela se cercou de pessoas muito competentes, que além de bons profissionais, são boas pessoas. Como ela costuma dizer: “Eu não vim nessa vida para me aborrecer”.

ENTREVISTA / OTÁVIO MÜLLER

Mascarenhas

Formado pela Casa de Artes de Laranjeiras (CAL), no Rio de Janeiro, Otávio Müller é dono de uma extensa carreira no teatro, com destaque para sua parceria com a diretora Bia Lessa em espetáculos como *Orlando* (1989), *Viagem ao Centro da Terra* (1993) e *O Homem Sem Qualidades* (1994). Seu trabalho mais recente nos palcos foi o monólogo *A Vida Sexual da Mulher Feia*, que ele mesmo dirigiu, sob a supervisão de Amir Haddad. A carreira na TV começou na novela *Vale Tudo* (1988), de Gilberto Braga, e se estendeu em mais de 30 trabalhos, entre eles *Os Maias* (2001), com direção de Luiz Fernando Carvalho, e a série *Tapas e Beijos*, no ar desde 2011. Em 2012, ganhou o prêmio de melhor ator no Festival do Rio pelo filme *O Gorila*, de José Eduardo Belmonte, com roteiro de Claudia Jouvin. Sua carreira no cinema inclui ainda *Riscado* (2010), de Gustavo Pizzi, *Reis e Ratos* (2012), de Mauro Lima, *Minutos Atrás* (2013), de Caio Sóh, e *Alemão* (2014), de José Eduardo Belmonte. Ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante por *Um Homem Só* no Festival de Gramado de 2015.

Como você se envolveu no projeto de *Um Homem Só*?

Sou muito amigo do pai da Claudinha Jouvin, Claudio Paiva, com quem trabalho há muito tempo. Claudinha vem dessa linhagem. Ela escreve brilhantemente. Se não me engano ela me falou do projeto pela primeira vez na pré-estreia de *Reis e Ratos* (filme de Mauro Lima, de 2012). Mas cinema é uma coisa que demora pra caramba. Assim que li o roteiro achei muito interessante e amei o personagem. Tive a sorte de acompanhar o projeto desde o começo, pude ver como ele foi

amadurecendo. Antes, acabei filmando outro roteiro escrito por ela, *O Gorila*, com direção do José Eduardo Belmonte. Um filme alternativo e pequeno, mas que foi muito importante para mim.

Você chegou a ver os desenhos de Claudia para o filme?

Sim, a questão visual para ela é importantíssima, não é à toa que é casada com um cartunista (*Allan Sieber*). O desenho é uma das principais ferramentas que ela usa e faz parte de seu universo – foram muito importantes no processo criativo do filme.

Como foram as cenas que precisavam de efeitos especiais?

Eu não entendo nada disso. Mas o especialista que estava no *set* com a gente era o capeta (*risos*). Logo depois que a gente filmava, ele já fazia as coisas na hora e mostrava um esboço de como iria ficar. Estou me preparando para um projeto em que eu também faço um duplo, baseado numa história do Lourenço Mutarelli, que será dirigido por um jovem diretor de São Paulo, Fernando Sanches. Já foi como um bom preparativo.

Você já dirigiu teatro. Tem vontade de dirigir cinema também?

Sim, já dirigi peças e algumas coisas na Globo. Tenho vontade de dirigir no cinema também. Na verdade, já tenho um convite para dirigir uma comédia, vamos ver como a coisa se desenrola. Tenho muita vontade de fazer comédias – me divirto junto, gosto demais. A questão é que trabalho muito como ator. É difícil arranjar tempo. Preciso parar e me organizar.

O que você destacaria na realização de *Um homem só*?

Houve muitas coisas legais, mas adorei trabalhar com o fotógrafo Adrian Teijido. Ele é um tremendo fotógrafo. Digo que “contracenei” com ele. Sou um ator que adora *set*. Gosto de acompanhar a preparação. Não sou um cara que gosta de ficar se vendo depois, no monitor. Prefiro estar lá antes, ver a luz ser preparada, por exemplo.

Como foi a experiência de *O Gorila*, que tem roteiro da Claudia Jouvin?

Apesar de ser um filme de orçamento e tamanho muito pequenos, *O Gorila* para mim é um filme grande. Tudo o que eu vivo hoje é resultado de *O Gorila*: o projeto de *No Retrovisor*, a adaptação de *O Beijo no Asfalto* (dois filmes ainda inéditos) e *Um Homem Só* também. Minha vida se divide em antes e depois desse filme. Acho que, com esse filme, Belmonte (o diretor) me coloca no lugar do cinema. Fiz esse filme há algum tempo, mas é impressionante como ele ainda está comigo.

ENTREVISTA / BELISARIO FRANCA

Sócio fundador da Giros

Belisario Franca fundou a Giros em 1997, e desde então a produtora se firmou como uma das mais sólidas e respeitadas do mercado audiovisual brasileiro, com uma produção intensa de documentários e programas dedicados à cultura e à história brasileira, exibidos em mais de 20 canais de televisão do Brasil e do mundo. Agora, a Giros começa a produzir também ficção, tendo como projeto inaugural o longa-metragem *Um Homem Só*. E já começou a série dramática *Jungle Pilots* e a série de ficção infantil *Queimamufa!*.

Qual você diria que é a principal marca da Giros?

A Giros já tem um histórico de quase 20 anos de produções. Nesse tempo, procuramos estar sempre ligados à produção de conteúdo e entretenimento com relevância, seja um filme documentário, uma série documental para a televisão, ou uma série "inventário", como é o caso de *Música do Brasil*. Sempre estivemos muito ligados ao factual, ao documentário, mas também gostamos de ficção.

Quais outros projetos de ficção a Giros está desenvolvendo?

Nos juntamos ao Flávio Tambellini, líder do núcleo criativo que ganhou recursos da Ancine. Nos unimos a ele pela experiência e pela afinidade. O Tambellini sempre esteve ligado a projetos com qualidade. A gente se interessa por essa característica. A série de ficção que estamos desenvolvendo, *JunglePilot*, é um bom exemplo disso. É uma história fora do eixo Rio-São Paulo, tem um grau de dificuldade técnica (muitas cenas com avião, aéreas), é uma temática século 21, Amazônia. Tudo me interessa. Como também tem essa coisa do *Um Homem Só*, o impasse do homem, a questão da subjetividade, de não caber dentro da própria vida, e a alternativa do clone. Isso também me interessa. Acredito que há uma coerência nessa escolha da produtora, nesse novo viés de dramaturgia, com uma história pregressa. Observamos muito o que é feito dentro e fora do Brasil. Procuramos formar uma produtora em que os quadros tivessem essa consistência e essa capacidade de pensar incorporando risco, uma novidade, uma inovação, seja ela no desenho que for. No roteiro, na criação, ou na produção propriamente dita.

TRILHA SONORA

“Como Me Tornei Uma Adúltera”

Autores: Karine Alexandrino / DustanGallas

Intérprete: Karine Alexandrino

Editora: Tratore (Dueto Edições Musicais)

Gravadora: Tratore

“The Ribbon”

Autor:Rodrigo Amarante

Intérprete:Rodrigo Amarante

Editora: Universal Music Publishing

Gravadoras: Som Livre, BeggarsGroup Media, Mais Um Discos e Vanguard Records

“Genius Of Love”

Autor: Martina Weymouth/Christopher Frantz/Adrian Belew/Steven J. C. Stanley

Intérprete:Tom Tom Club

Editora:Universal Music Publishing

Cortesia de Warner Bros. Records

Emcomumacordo entre Warner Music Group Film & TV Licensing & Universal Music Group

Gravadoras: Universal Music International, Rhino Entertainment Company e Mattered Music Inc.

“Garotos II – o outro lado”

Autor: Leoni

Intérprete: Leoni

Editora: Peermusic do Brasil

Gravadora: Universal Music

“I Remember”

Autor: DevendraBanhart

Intérprete:DevendraBanhart

Editora:Chrysalis Music

Editada no Brasil por Warner Chappell Edições Musicais

Gravadora: Beggars Group Media

“Fall Asleep”

Autor: Rodrigo Amarante

Intérprete: Rodrigo Amarante

Editora: Universal Music Publishing

Gravadoras: Som Livre, BeggarsGroup Media, Mais Um Discos e Vanguard Records

SOBRE A GIROS

Uma das maiores produtoras de conteúdo do país, a Giros está há quase 20 anos no mercado. E desde a sua criação se propõe a descobrir e revelar ao público histórias únicas de forma instigante e visualmente impactante. Universos, personagens, narrativas e temas ricos, sejam eles reais ou ficcionais, são a matéria-prima de um acervo focado na relevância, no entretenimento e na disseminação de conhecimento.

Entre séries de TV e longas documentais, a Giros já imprimiu sua marca pelo mundo, conquistando prêmios de relevância nacional e internacional, como a melhor série documental para TV, pela International Documentary Association, e melhor produção cultural para TV, pelo Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Também ganhou medalha de prata no New York Film Festival, como melhor documentário, prêmio United Nation Awards, além de duas indicações para o Emmy.

Na primeira incursão em longas ficcionais, a Giros foi premiada com três Kikitos de ouro no Festival de Gramado com o Um Homem Só, de Claudia Jouvin. Em 2016, com o documentário investigativo Menino 23 – Infâncias Perdidas no Brasil, de Belisario Franca, conquistou os prêmios de melhor roteiro e montagem no Festival Ibero Americano Cine Ceará.

Sobre Globofilmes

Desde 1998, a Globo Filmes já participou de mais de 185 filmes, levando ao público o que há de melhor no cinema brasileiro. Com a missão de contribuir para o fortalecimento da indústria audiovisual nacional, a filmografia contempla vários gêneros, como comédias, infantis, romances, dramas e aventuras, apostando na diversidade e em obras que valorizam a cultura brasileira. A Globo Filmes participou de alguns dos maiores sucessos de público e de crítica como 'Que Horas Ela Volta?', 'Tropa de Elite 2', 'Se Eu Fosse Você 2', '2 Filhos de Francisco', 'O Palhaço', 'Getúlio', 'Carandiru' e 'Cidade de Deus' – com quatro indicações ao Oscar. Suas atividades se baseiam em uma associação de excelência com produtores independentes e distribuidores nacionais e internacionais.

SOBRE A REDE TELECINE

O melhor do cinema mundial chega primeiro na Rede Telecine, que exibe os maiores sucessos internacionais e brasileiros, cada vez mais rápido e em múltiplas plataformas. *Joint-venture* entre a Globosat e os quatro maiores estúdios de Hollywood – Paramount, MGM, Universal e Fox –, a Rede Telecine também tem exclusividade na distribuição nas produções da Disney e em filmes do mercado independente. Este ano, a Rede terá em sua programação os 10 filmes mais vistos pelo público brasileiro em 2015 ¹. E, entre todas as maiores bilheterias que estrearam no ano passado no país, exibirá 95% delas.

Os assinantes do Telecine podem escolher onde e como assistir aos filmes: em um dos canais lineares da Rede - Telecine Premium, Telecine Action, Telecine Touch, Telecine Fun, Telecine Pipoca e Telecine Cult – ou a qualquer hora em qualquer tela – TVs conectadas*, computador, tablet, smartphone ou Xbox, através do Telecine Play. A plataforma online oferece ainda o download temporário de algumas produções, que podem ser assistidas *offline*.

O Telecine investe cada vez mais no cinema nacional, com o Telecine Productions, selo de coprodução de filmes em parceria com grandes produtoras brasileiras. Além de divulgar as estreias em seus canais, no Telecine Play e nas mídias onde está presente, o Telecine também garante a exibição desses títulos com exclusividade em suas diferentes plataformas.

Segundo a pesquisa Top of Mind do Datafolha, o Telecine é o canal de filmes mais lembrado da TV por Assinatura desde 2007 e, há dois anos, desde 2014, conquistou também a liderança geral, sendo o mais lembrado dentro todos os canais ². E, ainda, segundo o Ibope, o Telecine é o canal fundamental na manutenção da TV por Assinatura ³.

SOBRE A RIOFILME

RioFilme é uma empresa vinculada à Secretaria Municipal de Cultura, com a missão de fortalecer o desenvolvimento do setor audiovisual carioca considerando os vários elos de sua cadeia de valor. Apoia a produção, distribuição e exibição, realiza investimentos em cinema, TV e em novas mídias, patrocina eventos setoriais e também promove ações de acessibilidade e de capacitação profissional. A atividade da RioFilme estimula a produção cultural brasileira e é geradora de emprego e renda, com impactos sociais e econômicos que atingem pequenos, médios e grandes agentes do mercado e a população do Rio de Janeiro.

Distribuição – DOWNTOWN FILMES

Fundada em 2006 a Downtown Filmes é a única distribuidora dedicada exclusivamente ao cinema brasileiro.

Desde 2011, ocupa a posição da distribuidora número 1 no ranking de filmes nacionais e de 2013 até hoje vendeu mais de 50% de todos os ingressos de filmes brasileiros lançados.

Entre seus maiores sucessos estão os filmes *Meu nome não é Johnny*, *Chico Xavier*, *De Pernas pro Ar 1 e 2*, *Até que a sorte nos separe 1, 2 e 3*, *Minha mãe é uma peça* e *Loucas Pra Casar*.

Até dezembro de 2015, a Downtown lançou 88 longas nacionais, que acumularam mais de 80 milhões de ingressos.

Em 2016 a distribuidora comemora 10 anos de existência com um lineup especial, entre eles: *Um Suburbano Sortudo*, *Porta Dos Fundos-Contrato Vitalício*, *Tô Ryca!*, *Elis*, *TOC* e *Minha Mãe É Uma Peça 2*.

Distribuição – PARIS

A Paris Filmes é uma empresa brasileira que atua no mercado de distribuição, produção e exibição de filmes, primando pela alta qualidade cinematográfica. Além de ter distribuído grandes sucessos mundiais, como o premiado *O Lado Bom da Vida*, que rendeu o Globo de Ouro® e o Oscar® de Melhor Atriz a Jennifer Lawrence em 2013 e *Meia-Noite em Paris*, que fez no Brasil a maior bilheteria de um filme de Woody Allen, a distribuidora tem também em sua carteira os maiores sucessos do cinema nacional, como as franquias *De Pernas Pro Ar* e *Até Que a Sorte nos Separe*.

Nos últimos anos, a Paris lançou o vencedor do Grande Prêmio do Júri em Cannes 2013, *Inside Llewyn Davis – Balada de um Homem Comum*, dos irmãos Coen; o aclamado *O Lobo de Wall Street*, de Martin Scorsese, *Mapas Para as Estrelas*, de David Cronenberg (Melhor Atriz no Festival de Cannes – Julianne Moore); a primeira adaptação animada da obra-prima de Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*; e as continuações *A Série Divergente: Insurgente* e o esperado final de *Jogos Vorazes – A Esperança – O Final*.

Para 2016, os indicados ao Oscar® *Brooklyn* e *O Lobo do Deserto*; o terceiro capítulo da série *Divergente: Convergente*, *Truque de Mestre – O 2º Ato* e sucessos do cinema argentino como *Kóblis*, com Ricardo Darín, são os grandes destaques; que assim como a biografia do lutador José Aldo em *Mais Forte Que o Mundo*. Produzidos pela Paris Produções, vêm aí *Um Namorado Para Minha Mulher* e *Carrossel 2 – O Sumiço de Maria Joaquina*, prometendo grande sucesso de público e crítica.

ASSESSORIA DE IMPRENSA



Anna Luiza Muller

Julia Moura - julia@primeiroplanocom.com.br

21 2266-0524 / 2286-3699



[@Primeiro Plano](https://twitter.com/PrimeiroPlano) /



[@Primeiroplanocom](https://www.instagram.com/Primeiroplanocom)



[Facebook.com/PrimeiroPlanoCom](https://www.facebook.com/PrimeiroPlanoCom)